

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTE

DEPARTAMENTO DE MÚSICA

Ana Paula de Azevedo Posada

O resgate da memória e trajetória de uma compositora indígena DJ, produtora musical e cultural.

Porto Alegre

2022

Ana Paula de Azevedo Posada

Projeto de Graduação em Música Popular
apresentada ao Departamento de Música do Instituto
de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Música.

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Porto Nogueira

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

DE AZEVEDO POSADA, ANA PAULA
O regate da memória e trajetória de uma compositora
indígena DJ, produtora musical e cultural / ANA PAULA
DE AZEVEDO POSADA. -- 2022.
64 f.
Orientadora: Isabel Porto Nogueira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Música: Música Popular, Porto
Alegre, BR-RS, 2022.

1. Música Popular. 2. Música Eletrônica de Pista.
3. Produção Musical. 4. Retomada Indígena. 5. DJ. I.
Porto Nogueira, Isabel, orient. II. Título.

“A mente é um terrytório
O YMAGYNÁRYO é terra”

Joanym

AGRADECIMENTOS

Meu maior agradecimento não poderia ser diferente, é para a pessoa mais especial que eu conheço; minha mãe, Maria do Carmo, à quem eu devo tudo nessa vida e, lógico, também em memória da pessoa mais incrível que eu já conheci; meu pai, León!

À minha vó Joséfa, vó Margarita e Ana, minhas ancestrais, e pelas quais quero honrar suas histórias de vida! Ao meu titio Joel e ao meu tio emprestado Edson, de Alvorada. Aos meus padrinhos que, foram minha família aqui no sul; Mara e Daniel. Sei que vocês que já partiram, me acompanham e se orgulham muito da nossa história.

Agradeço aos meus amigos que foram tão acolhedores na minha trajetória, eles que são minha família também, sou eternamente grata pelas trocas, pelas conversas, pelos choros e risadas, por acreditarem em mim, sempre me incentivarem e me lembrarem da potência que carrego e embarcarem junto comigo. Vocês sabem o quanto foram importantes no processo.

Aos coletivos e projetos que faço parte, minha maior consideração, é um prazer fazer essa travessia com vocês, o que eu aprendi coletivamente vai além, e sem dúvidas, trabalhar na coletividade, é o que faz sentido para mim. Aos professores, agradeço pelos ensinamentos e, principalmente, pelas conexões tão importantes dentro e fora da graduação, foram tantas emoções e reviravoltas que, levarei as memórias comigo para sempre.

À Isabel Nogueira, obrigada por me inspirar tanto, eu tenho certeza que nossa parceria vai longe e desejo que a gente crie juntas e se fortaleça muito ainda nessa caminhada, ter vivido tantos momentos simbólicos contigo, foi um dos maiores presentes que a graduação poderia me dar.

Esse trabalho é o reflexo da ancestralidade que acompanha a mim e a minha família, e é por eles que entrego esse trabalho e que mergulho em mim, na história da minha família, para que eu possa representar cada pessoa que faz parte dessa história, e também para os que estão chegando agora e ainda virão, poderem saber da sua origem, e da força que nós temos, que nossa identidade originária não foi apagada.

Agradeço aos meus primos, primas, tios e tias por me mostrarem as minhas raízes, nosso mundo, o nosso lugar, por me levarem aos cantos mais lindos do Pará, por me levarem para dançar reggae, carimbó e technobrega. À minha mãe por me criar escutando Leci Brandão, Alcione, Fafá de Belém e por compartilhar do gosto por Quinteto Violado, Alceu Valença, Chico César e tantos outros mais.

Ao Yule, obrigada por pegar na minha mão e caminhar junto comigo!

Para Deleón

RESUMO

Este trabalho é o resgate da memória e trajetória de uma artista indígena urbana, narrando suas experiências musicais e culturais dentro e fora da universidade pública, servindo como ferramenta de resistência e afirmação da identidade indígena através de suas composições e atuações como mediadora cultural.

ABSTRACT

This work is the rescue of the memory and trajectory of an urban indigenous artist, narrating her musical and cultural experiences inside and outside the public university, serving as a tool of resistance and affirmation of indigenous identity through her compositions and performances as a cultural mediator.

Palavras Chaves: Música Eletrônica de Pista; Produção Musical; Música Popular; Retomada Indígena; DJ.

Lista de Imagens

Banda Fanfarra

Banda Clássica

DCE da UFRGS

Erep Sul

Arruaça 2015

Arruaça 2015

Oficina de Mixagem

Oficina de Mixagem - 31 Festival de Arte de Porto Alegre

Foto na Residência no Concha

Foto com Juçara Marçal

Fotos na apresentação final na Concha do Teatro São Pedro

Print do bloco de notas do cel/computador

Nenhuma Lágrima a +

Veias Abertas

Desenho feito à mão

Foto Disco “Tamba Tajá – Fafá de Belém”

Foto Disco “Berra Boi – Quinteto Violado”

Print Tela Ableton “Alma”

Print Tela Ableton “Considerações finais”

Colagem Flecha Envenenada

SUMÁRIO

Introdução.....	12
1. Capítulo 1: Territorialidade	
1.1 Trajetória Artística	14
1.2 Pandemia Crítica – Retomada Indígena	22
1.3 Momento Atual de Composição do Trabalho – Memória	25
1.4 Legado do Trabalho – Flecha Envenenada.....	29
2. Capítulo 2: Processo de composição como ferramenta artística de resistência – narrativas	
2.1 Letras e Poemas:	36
2.2 Processos de Composição e narrativas	
2.2.1 Alma	36
2.2.2 Nenhuma lágrima A+	39
2.2.3 Veias Abertas	42
2.2.4 Considerações Finais	43
3. Identidade Visual:	
Elementos visuais da memória	45
Referências	51
Apêndices	56
Anexos.....	58

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o registro criativo de uma multiartista, em relação a sua trajetória musical, com seus atravessamentos e reflexões acerca do seu percurso de vida, levando em consideração da territorialidade conquistada a partir de seus processos e movimentos individuais e coletivos.

Em forma de memorial, o trabalho conta com a narrativa de seus movimentos e das diversas influências que lhe constituem como artista e pessoa. Desde sua formação musical na infância com o violino e cantando em corais, e de como se deu essa relação ao decorrer do tempo, até o ingresso no curso de Música na UFRGS.

Narra suas articulações como mediadora cultural na cidade de Porto Alegre/RS, sua trajetória como DJ, produtora musical e compositora, e de como trilhou esse caminho atuando nessas áreas. E assim, absorvendo dessas experiências e dessa bagagem cultural/musical acumulada durante esse caminho, para seu momento artístico atual.

O objetivo da artista é buscar nas suas raízes ancestrais a inspiração necessária para desenvolver esse trabalho, enaltecendo aos povos originários que habitavam as regiões de onde vieram seus antepassados. Buscou nas histórias e nas sonoridades da sua memória e da memória da sua família, os elementos chaves para suas composições, registradas neste trabalho e apresentadas em formato de EP.

No primeiro capítulo, além de contextualizar sua trajetória artística, também fala sobre como se deu a relação de profissionalização, sobre como foram suas experiências dentro e fora da universidade. Trata do seu processo de retomada da identidade e saberes indígenas e de como, imprimiu suas questões na sua escrita poética e composição musical. Utilizando de seus instrumentos primários; voz e violino, além dos instrumentos eletrônicos.

No segundo capítulo, traz seu processo de escrita e de composição das poesias, e depois das músicas, tanto totalmente produzidas por ela, quanto as que contam com parcerias nos beats. Carrega nas suas letras a sua vivência e suas inquietações como uma mulher indígena em contexto urbano, bissexual e periférica. Bebendo de suas referências musicais contemporâneas que abrangem tanto o rap, a música eletrônica e músicas regionais.

No último capítulo, completa o cenário construídos por ela, através da imagem que representa o trabalho e capa do EP, trazendo os elementos que conversam com a proposta de registro de memória. Nessa parte, ela explica a escolha de cada elemento trazido, o que cada um significa e qual a relação dele para sua memória afetiva, justificando suas escolhas através dessa contextualização.

1.1 TRAJETÓRIA ARTÍSTICA

A música entrou na minha vida, ainda na minha infância, quando eu tinha 5 anos de idade e morava na região metropolitana de Porto Alegre/RS, na cidade de Alvorada. Meu pai, León, me colocou nas aulas de violino, quando iniciei meus estudos no Método Suzuki, na escola de música IEMAT que, além do repertório erudito, também trabalhava o repertório popular.

Desde criança, cantava nos corais tanto do colégio, da escola de música e das igrejas, enfim, de tudo que tivesse envolvimento com música e aparecesse a oportunidade. Já respirava desde cedo uma vivência de apresentações artísticas, na maioria das vezes promovidas pela escola de música; nos apresentávamos nos colégios e eventos públicos da cidade e também com os corais nos festivais.

Com 8 anos, na 3ª série, entrei para a banda fanfarra do colégio que eu estudava, tocava tarol e/ou caixa e puxava a banda, ou seja, tocava a cadência sozinha primeiro, e depois toda a banda me acompanhava. Eu amava os desfiles anuais das escolas e ficava encantada com as bandas dos outros colégios, tanto na questão dos instrumentos, das cadências, mas principalmente, dos looks.

Na minha adolescência, após a morte do meu pai, ele que foi um grande incentivador em todos os âmbitos da minha vida, principalmente da minha criatividade artística, eu acabei me afastando dos estudos de violino. Também parei de frequentar a Igreja Adventista que eu participava do coral, mas a música sempre esteve presente na minha vida, como uma forma espiritual, terapêutica e de confraternização.

Sempre levava meu violino para as viagens e adorava improvisar com outros amigos músicos. Nessa época, também participei da banda de rock “Clássica” em Porto Alegre, eu tocava violino, meia-lua e fazia backing vocal, junto ao Victor Schweig no baixo, Marcus Vinícius Farias na bateria e Roger Lopes na guitarra e vocais, foi com a banda que eu tive as minhas primeiras “gigs” e experiências profissionais em bares da capital gaúcha, como o Dhomba, Zeppelin e Divina Comédia.

Depois que me formei no ensino médio, eu saí de casa e precisava me sustentar, nessa mesma época, também me organizava em movimentos sociais.

Foi em espaços universitários que eu toquei como DJ as primeiras vezes; como nas festas do DCE da UFRGS (**Figura 4**), na festa “Psico 8 e1/2” do Diretório Acadêmico da Psicologia e no festival “Festivale” que rolavam no Centro de Convivência do Campus do Vale entre outros eventos, isso, quando ainda eram permitidas e incentivadas as festas e eventos culturais dentro da universidade pública.

Nesse período, eu trabalhava e fazia o cursinho para entrar na universidade, então, foi a partir desse momento que comecei a pensar na música como profissão e como um possível campo de estudo e de formação de ensino superior. No meio desse processo, eu estudei um semestre de Geografia na FURG, em Rio Grande/RS, em um momento de muita movimentação político-social em Porto Alegre e num contexto nacional, o que acabou influenciando para que eu quisesse voltar logo para morar na capital, apesar de ter tido a oportunidade de vivenciar um ambiente muito rico lá.

Foi ainda em 2013, que decidi fazer a graduação em Música pela UFRGS. Na prova específica, etapa necessária no vestibular das artes; música, artes visuais, teatro e história da arte, eu escolhi um repertório que já estava bem internalizado no meu fazer musical, este que executei com o violino, meu instrumento de formação. As músicas que toquei foram “Milonga para as Missões” do Renato Borghetti e “Velha Infância” dos Tribalistas, por serem contrastantes entre si, um requisito da prova.

Já para a prova teórica, eu tinha a técnica da leitura musical e de algumas escalas internalizadas na minha prática com o violino, porém, era um conhecimento básico ainda, então, lembro de ter devorado o livro Teoria da Música de Bohumil Med e de ter feito uma revisão com um professor de música alguns dias antes do teste.

No ano seguinte, 2014, após a aprovação do vestibular, ingressei no curso de Música Popular, modalidade recém sido criada no departamento de música da UFRGS, com o objetivo de contemplar outras expressões musicais, além do curso de Música tradicional.

Dentro da universidade, tive a oportunidade de acessar espaços muito significativos na minha formação. Em 2015, fui bolsista de extensão no Projeto Música e Cidadania no Colégio de Aplicação da UFRGS, espaço que pude dar aulas de violino para estudantes do Colégio e para crianças da comunidade, e

assim, fomentar a educação musical no Aplicação, ao lado de outros colegas bolsistas. Infelizmente, não tive possibilidade de continuar, por questões de falta de repasse dos recursos públicos à Universidade, mesmo havendo muito interesse e a procura das aulas de música, pelos estudantes que participaram do projeto.

Em 2019, produzi o projeto Sexta Degrau no Centro Cultural da UFRGS, evento criado com o objetivo de promover a ocupação do espaço público, e aproximar a comunidade em geral da Universidade, o evento acontecia pelo menos uma vez ao mês, trazendo artistas da cena musical independente de Porto Alegre e região, nele tive a oportunidade de fazer a curadoria dos convidados, produção e apresentação na área de música eletrônica.

Se eu fosse me basear apenas nas experiências que tive dentro da universidade, mesmo com algumas vivências muito significativas, talvez, eu seria uma artista um tanto frustrada. Confesso que já me senti oprimida dentro do contexto acadêmico em diversas situações, principalmente por ser mulher, indígena, bissexual e de periferia.

Sei que essa situação de desconforto não é uma realidade só minha, e sinto que nós como alunos e professores acabamos por não falar tanto sobre isso, mas sinto que sim, já avançamos em muitas questões ao longo desses anos que estive dentro da Universidade, sabendo-se que, o curso de música e a maioria dos espaços artísticos são majoritariamente masculinos, heteronormativos e brancos. Assim como relatado por FERREIRA, Andressa (2018, p.25) em que traz exemplos de sua vivência:

“Fora da universidade, conheci espaços culturais, escolas de samba, rodas de poesia negra, slams, quilombos urbanos, rodas de samba, Tekoas (aldeias guaranis). E andando pelo centro da cidade, conheci uma Porto Alegre negra, indígena, cigana, que ia além da imagem alemã e italiana que eu tinha como referência do sul, ou seja, estava conhecendo uma cidade diversa, mas que historicamente foi embranquecida. O Estado do Rio Grande do Sul tenta silenciar e apagar a contribuição e presença tanto da população indígena, quanto da população negra, fazendo com que o restante do Brasil acredite na não existência de negros e indígenas no sul.”

Quando eu entrei no curso de Música, a minha vivência também foi solitária pelas questões de gênero, raça e sexualidade que foram apontadas anteriormente, mas para além desse lugar, eu era uma das poucas estudantes

que eram da área da música eletrônica e, infelizmente, não me senti muito acolhida, mesmo existindo professores atuantes nessa área, ainda assim, a vivência acabava sendo muito distante da minha realidade.

Na verdade, existia um limbo e uma certa generalização e desvalorização da música eletrônica de pista e da própria figura do DJ nos espaços acadêmicos e da própria classe artística. O papel do DJ possibilitou que a música eletrônica e de vários outros estilos se popularizassem, através das rádios, por exemplo. E foi através do movimento dos DJs que, se impulsionou a cultura do hip-hop, da dance music e da própria produção musical. Como afirmado por Ivan Paolo de Paris Fontanari no livro “Os DJs da Perifa: Música Eletrônica, Trajetórias e Mediações Culturais em São Paulo:

“Acredito ser a mixagem a operação e categoria musical mais relevante para diferenciar os DJs de outros tipos de performers musicais, e por isso um instrumento privilegiado para compreendermos a relação entre as dinâmicas musicais e sociais promovidas pelos DJs.”

Eu sinto que, devido a esta desvalorização da música eletrônica, acabei me conectando e me afirmando como artista, muito mais fora da universidade do que dentro dela. Percebo que a minha conexão com os colegas e os professores foram mais horizontais, de igual para igual, fora desse contexto acadêmico, e depois que eu acessei esse lugar de paridade entre essa relação, sinto que mudei bastante a forma de me posicionar nos espaços acadêmicos.

RELAÇÃO MÚSICA E TRABALHO

Como eu sempre trabalhei com carteira assinada ou fazendo freelas em bares durante a minha graduação, quando eu consegui ter uma agenda de apresentações intensas em 2017, tocando em outras cidades e estados do Brasil, e assim, me sustentar com meu trabalho independente como DJ, eu precisei trancar as minhas aulas.

Percebo que, depois desse hiato, eu voltei mais amadurecida e com outros olhares, fruto da minha prática fora da universidade. Ademais, reconheço que, os professores e o próprio curso de música popular, também

amadureceram em muitos aspectos, tornando-se um lugar mais acolhedor, acessível e aberto às novas tecnologias e formas de fazer música, de atuação artística e também nas questões sociais, raciais e de gênero.

Um dos trabalhos mais significativos na minha trajetória foi com o Coletivo Arruaça (2014 até o presente momento), coletivo de DJs, produtores de música eletrônica e articuladores culturais que, promovem festas na rua na cidade de Porto Alegre, e movimento que, para mim, abriu as portas para muitas possibilidades na minha trajetória musical.

A Arruaça nasceu da necessidade de criarmos espaços de visibilidade para novos artistas na cena cultural porto-alegrense, de democratizar o acesso ao espaço público e de apresentar o evento da festa como um ato político, além de ver na experiência do afeto e da coletividade, uma grande potência de criação. Como relatado por ROSSI (2021, p. 33)

A Arruaça é um coletivo que surgiu com a proposta de fazer Festas de Rua, se amparando na questão da ocupação do espaço público urbano e do direito à cidade. Diferentemente de outros coletivos que faziam festas de rua e que colocavam essas questões de forma mais explícita em seus discursos, a Arruaça, a partir de seu segundo ano de existência, passou a ter um entendimento de que não era apenas o discurso que tornava a festa na rua um ato político. A festa na rua em si é um ato político. Dançar é um ato político.

O coletivo surgiu em um contexto urbano de limitação e proibição aos espaços de entretenimento da cidade de Porto Alegre, em um cenário em que alguns bares estavam sendo fechados pela prefeitura e outros estavam tendo seu horário de funcionamento reduzido, e por conta desse cenário proibicionista, as ruas estavam cada vez mais desabitadas de uma massa ou manifestação festiva.

Em tempos de levantes de 2013, mais especificamente, após o aumento das passagens, multidões foram às ruas contra o ajuste, primeiramente. Depois, esse movimento acabou desencadeando vários atos políticos nas ruas de Porto Alegre e do Brasil, demonstrando uma insatisfação com várias questões públicas, questionando e negando as estruturas de representação política.

Outras formas de ocupar os espaços públicos estavam sendo propostas e na própria organização das manifestações, agora sem aquele caráter

partidário, de organização hierárquica, mas de outras maneiras; independente, fluida, horizontal e autogestionária, contexto que influenciou na criação do coletivo.

Então, foi a partir da vivência com a Arruaça que, eu adquiri experiência na área de produção cultural e, conseqüentemente, na minha carreira como DJ e produtora musical, pois, foi através das relações estabelecidas dentro do cenário cultural que eu pude desenvolver o meu trabalho e alcançar mais pessoas e acessar outros lugares. Conforme observado por FONTANARI (2013, p. 39)

“O cenário observado mostrou que o sucesso das trajetórias profissionais dos DJS dependia em grande medida da eficácia da mediação cultural por eles realizada entre diferentes sistemas simbólicos, sensibilidades culturais e estruturas performativas, o que sugere uma relação íntima entre trajetórias profissionais e pessoas e mediação cultural.”

Uma das motivações que me despertaram o desejo de atuar nas festas de rua, foi o fato de que, a rua sempre me acolheu, a própria relação do artista com o público é diferente das estabelecidas tradicionalmente, onde o público transborda/ultrapassa o lugar de apenas espectador e passa também a ser parte do espetáculo, tornando-se uma experiência bem mais intimista e horizontal, tratando do processo da afirmação de seres políticos, que segundo FONTANARI (2013, p. 38)

“Neste sentido, os jovens que transformavam-se em “DJS” incorporavam as propriedades do mixer, tornando-se eles mesmo um tipo de mixer em sentido sociocultural. Tal como o mixer tinha a função física de manipulação de frequências sonoras para a eliminação das diferenças entre duas ou mais faixas musicais, os DJS exerciam um papel como mediadores culturais transformando os referenciais de familiaridade e estranheza para o seu público.”

Seguindo a minha trajetória de mediadora cultura, criei a Base em 2016, festa independente que acontecia em galpões e fábricas desativadas na cidade de Porto Alegre, projeto que produzi por muitas edições, trazendo artistas nacionais e internacionais, possibilitando que eu me projetasse nacionalmente como DJ e produtora de música eletrônica.

Também em 2016, criei o selo Goma rec. com alguns amigos, trabalho que serviu como plataforma e laboratório de artistas locais e nacionais, na curadoria de mixtapes pela conta da Goma no soundcloud, num primeiro momento, e futuramente no lançamento de EP's e coletâneas de música eletrônica.

Junto de todas essas frentes, sempre busquei incentivar e aproximar outras mulheres a ocuparem os espaços de protagonismo nesses locais, sendo como DJs, produtoras culturais e agentes diretas nesses ambientes, criando uma rede orgânica de troca de conhecimento e técnicas.

Já em 2019, tive uma das experiências mais valiosas na minha trajetória como compositora, com a residência artística do Projeto Concha. A vivência da residência foi uma grande virada de chave no incentivo do meu processo artístico, pois, foi ali em que eu pude trabalhar diversas questões que nos atravessam como artistas e mulheres, junto a outras compositoras, com a orientação de Isabel Nogueira.

Também tivemos encontro com outras artistas convidadas, como Juçara Marçal (**Figura 9**) e Alessandra Leão que são duas grandes referências artísticas para mim e que também moldaram meu gosto musical, Angélica Freitas, Bárbara Santos que é artista indígena, entre outras; e a partir desse aprendizado pude aprofundar meu processo composicional, que perpassa na performance e nas relações estabelecidas artisticamente.

O processo da residência foi vivenciado através da experiência da construção e elaboração coletiva de uma apresentação final, com as músicas que foram compostas entre nós, durante o período da residência. Apresentação que aconteceu em dezembro de 2019, na concha acústica do Theatro São Pedro, local onde fizemos a residência. (**Figuras 10, 11 e 12**)

E chegando ao final da minha trajetória no curso de música popular, eu percebo que, uma das coisas mais ricas que o ambiente acadêmico me proporcionou, e pelo que eu sou muito grata, é a oportunidade de registrar esses mundos que eu tenho habitado. E eu sempre falo sobre isso; a teoria veio da prática, para mim, a teoria se dá no processo de reconhecer um comportamento e a partir disso registrá-lo.

Então, todo esse processo de poder parar e enxergar as produções textuais que fiz nesse período da graduação, como nas disciplinas de Projetos

Sociais e Educação Musical, Iniciação à Pesquisa, e durante a minha pesquisa como bolsista PIBIC, sobre meu processo composicional e produção musical durante a pandemia, além da própria riqueza da pesquisa em música popular, enfim, todo esse universo de produção de conhecimento me instiga muito.

*“Tive que aprender a me amar
Ficar de pé pra depois aprender a voar
Manter a fé
Fico viva mais um dia
Jogo as drogas na pia
Leio antropologia
Lavo meu corpo com sais
Essa terra tem sangue dos ancestrais
Estado de alerta
Fique viva se prepare
São dias e noites de amor e guerra
Fique viva, fique viva
A linha de fronteiras se rompeu”*

Brisa Flow – Fique Viva

1. 2 Pandemia Crítica e Retomada Indígena

Durante 2020, eu vivi um processo de autoconhecimento super intenso, que é um tanto dolorido, porém, muito importante, e isso fez eu repensar sobre os espaços onde atuo e com quem me relaciono artisticamente. A vontade de jogar tudo pro ar e negar tudo ao redor, era recorrente, mas logo a serenidade vinha e a vida seguia, porém, é muito importante estarmos conscientes dessas questões, e o que percebi foi que, dependendo dos espaços onde você estiver, ele acaba te cegando para o que você realmente é, e de onde veio.

Eu tenho feito o exercício do resgate às minhas origens e, principalmente, de afirmação da minha identidade indígena há alguns anos, reconhecendo a trajetória da minha avó materna Josefá - que não se sabe ao certo o ano que nasceu. Ela foi uma mulher indígena tirada de sua vila no Pará, ainda quando criança, para servir de trabalho análogo ao escravo a um casal de médicos na

capital durante a infância. Como a reflexão levantada pelo escritor indígena KRENAK, Ailton (2019, p. 9):

“Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos, Essa pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com a sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos.

Ao observar esta situação, herança de um passado colonial, neste momento da minha vida, só fez com que eu percebesse quais são os povos que estão sendo, mais uma vez, marginalizados e desamparados na pandemia pelo COVID-19. Isso fica evidente quando percebemos a grande onda de contágio e mortalidade nas regiões do norte e nordeste que, na maioria da sua população, são pessoas pretas e indígenas.

Com tantas tragédias acontecendo pelo projeto genocida em que vivemos atualmente no Brasil, mencionado por SOUZA, Tadeu (2020, p.5)

“Alguns países têm chamado especial atenção por terem persistido com uma política de negação ou minimização da pandemia atualizando o negacionismo como estratégia necropolítica, especialmente nas américas onde o racismo é marcador territorial e de desigualdade social.

Procurei nutrir minha mente de leituras que me dessem conhecimento e lucidez para seguir nesse momento difícil. Li artigos da editora n-1 edições, com textos de Ailton Krenak, Tadeu de Paula Souza, Davi Kopenawa entre outros escritores e pensadores contemporâneos, trazendo reflexões acerca do momento de isolamento, artigos que fazem parte da série #pandemicritica e que trouxe para este trabalho.

Neste momento, a leitura virou uma válvula de escape e um alento para mim. Quando estou lendo, eu esqueço de tudo e me concentro naquele momento, assim como quando estou produzindo, escrevendo, cantando ou tocando. Lendo SOUZA, Tadeu de Paula (2022, p.2):

“xamã Davi Kopenawa, nos ajuda a entender a ira dos xapiris, espíritos da floresta, com a destruição causada pelos homens “apaixonados por mercadorias”. Segundo os yanomamis a floresta *Omana*, é inteligente e se defende da predação com os xapiris, reponsáveis por sustentar o céu. A morte do povo yanomami e dos seres da floresta ferará a queda do céu, uma ação de omana em resposta ao desequilíbrio predatório que os xamãs não conseguirão mais conter. Como aponta Ailton Krenak a relação entre cultura ameríndia e natureza não é nem passividade nem de predação, mas de cultivo, dádiva, admiração e produção comum – “a floresta somos nós que cultivamos... a floresta é algo produzido por pássaros, primatas, gente, vento, chuva... esses são produtores de floresta!”

Eu pude me conectar com os saberes e ideias que me ajudam a compreender as diversas visões de mundo e ensinamentos que os povos originários tem a nos ensinar, beber desse conhecimento é uma forma de crescimento espiritual ao ver, é dessa forma que as palavras de lideranças como o xamã Davi Kopenawa, Ailton Krenak e tantos outros, me tocam.

Uma das ações mais gratificantes que fiz neste período pandêmico, foi servir como ferramenta para concretizar uma campanha emergencial de auxílio a Aldeia Mbya Guarani da Lomba do Pinheiro que, foi uma iniciativa partida pelos próprios indígenas da comunidade, aos olhos do Cacique Cirilo. Criamos um financiamento coletivo, e mesmo que não tenhamos conseguido alcançar a meta, tenho certeza que, o que foi arrecadado, foi de grande ajuda para a comunidade. Disto, vivenciei todo esse processo de estar em contato com o Cacique e ir até a aldeia, sendo para mim, um grande privilégio e ensinamento.

Também acho importante ressaltar que, desde que comecei a lançar alguns trabalhos autorais, que saíram em algumas coletâneas do Brasil durante a pandemia, como “V002 Vol. B” da Goma rec., “Vitamina T.” da T. Rec. e “Sociedade Badernista” da Sweetuff Records, tenho me incomodado com a presença hegemônica masculina e branca nos meios de produção musical, o que não é nenhuma novidade.

Reconhecer este fato, tem me instigado mais ainda em incentivar outras mulheres, pessoas trans, não binárias, pessoas pretas e indígenas a ocuparem esses espaços. Do mesmo modo, como aconteceu no movimento de DJs, tanto da cena local como nacional em que, participei ativamente na formação de outras mulheres como DJs, através de aulas informais e oficinas. Então, só

confirmando que, novamente, quero facilitar esse processo de formação para os meus, compartilhando conhecimentos e criando redes de apoio.

“Foi mal

Sou fiel a mim

Já tentei me trair

Quase que eu caí de novo

Mas eu sei bem de onde eu vim

As correntes renovam, de novo

E de novo!

Kaê Guajajara - Sol em Leão

1.3 MOMENTO ATUAL DE COMPOSIÇÃO DO TRABALHO – MEMÓRIA

Meu projeto de graduação é a construção do meu primeiro trabalho autoral, em que reuní o repertório de canções compostas por mim, inspirada pelos ritmos latino americanos e de temas regionais; das regiões Amazônica e Caribenha, como na música Indauê Tupã (1976) na voz da Fafá de Belém e Tierra Santa (2002), tema tradicional do Bullerengue, conhecido na voz de Totô Momposina e Petrona Martinez, todas artistas que me influenciam profundamente.

Condensei nele, as referências que acumulei durante a minha trajetória artística como DJ e produtora musical, enaltecendo e destacando as minhas raízes, ou seja, inspirada nos ritmos e gêneros musicais que representam a memória ancestral da minha família, como o Carimbó e o Bolero.

A compilação apresenta o uso de elementos eletrônicos e orgânicos, como samples, synths, baterias eletrônicas, voz e violino. Dando o corpo, de fato, a identidade musical que venho buscando e elaborando no meu processo de criação.

Eu sou uma mulher indígena em contexto urbano, em processo de retomada dos saberes indígenas, já falei sobre isso anteriormente, mas acho

importante reafirmar. Para aprofundar um pouco mais sobre as minhas raízes, meu pai León, era Colombiano, de Medellín, Antioquia, que é uma região banhada pelo Mar do Caribe. Meu pai me contava que, nossa família é descendente dos Maias (conhecimento passado oralmente por sua mãe e avó), povo mesoamericanos pré-hispânicos, ou seja, civilização que viveu durante a época pré-colombiana, e que foram colonizados por europeus.

Minha mãe, Maria do Carmo, é paraense, filha da minha avó Josefá, que nasceu em Alenquer, antiga vila Surubiú, localizada no baixo Amazonas, atualmente região pertencente ao estado do Pará. Região que é descrita por LIMA (2005, p. 222)

“água cercada por terra de todos os lados. De Santarém para Alenquer, que são 70km em linha reta, “vira um mar”. As árvores ficam descobertas, as copas e galhos sendo avistados, mas o resto todo está debaixo d’água. Há comunidades onde são feitas reuniões no verão que, no inverno, ficam três, quatro metros debaixo d’água. Por isso o lago de várzea só existe no verão. Esses lagos não têm forma arredondada e costumam medir 100km de comprimento por 20km de largura. Parecem um rio comprimido. Ao viajar de barco, passando por um canal, já podemos estar em outro lago. Trata-se, portanto, de um sistema integrado de lagos, canais, furos, igarapés, paranás.”

Minha busca é trazer elementos dessa memória ancestral na construção desse cenário musical que proponho. De acordo com PORRO, Antônio (2007); Surubiú dava nome à aldeia que depois virou vila, durante o processo de colonização do seu território. Então, foram os Barés e Abarés que habitaram aquela região que, futuramente, virou o município de Alenquer. Os Curuayas, por exemplo, são parentes próximos dos povos daquela região, pelo fato das comunidades viverem às margens do rio Curuá, e porque antes de existir a aldeia de Surubiú, já existia a aldeia de Arcozellos naquele lugar. Toda essa investigação acerca da formação de territórios, perpassa pela noção de etnogênese, apontado por DORRICO (2021, p. 8)

“Importante destacar ainda que há muitos povos em etnogênese, isto é, povos que foram considerados extintos nos séculos anteriores, mas que agora reivindicam sua existência e direitos. Por isso é muito importante ter cautela e perceber a complexidade da identidade indígena, encontrada em mais de 305 nações.”

Foi nessa região que, existiram as primeiras zonas de colonização, e na realidade, são poucas as comprovações históricas da formação desse território, e por isso, o meu objetivo é aprofundar cada vez mais a minha busca em contar a história da minha família. Narrativa que foi contada à partir do olhar euro centrado, pela ótica dos colonizadores. Como apontam (DORRICO, DANNER, 2021, p. 19)

“os povos indígenas não apenas foram e são submetidos ao um processo de destruição material acentuado, ao longo do desenvolvimento de nossa sociedade, mas também de que foram confinados no mais recôndito das matas, silenciados, invisibilizados e privatizados por parte de nossos sujeitos, instituições, relações, práticas e valores coloniais, Dessa forma, o índio, pelos olhos, pela compreensão e pelos interesses dos próprios colonizadores, foi visto como o antípoda da colonização enquanto consecução e implantação da civilização nestes trópicos (postando, alguém que poderia ser apagado, erradicado e deslegitimado, pois não teria nada a dizer e a ensinar – alguém sem qualquer protagonismo).”

Desta forma, sofremos um apagamento histórico da identidade indígena, por causa da invasão colonial em nosso território há muito tempo.

Também me contavam que, minha bisavó materna, foi uma parteira da cidade, e sendo assim, eu gostaria de registrar essas memórias em forma de canção. Igarapé foi a primeira música que compus para este trabalho, em 2020, e que escrevi pensando em um formato de canção, e coincidentemente, descobri que a região da cidade de Alenquer, era conhecida como Igarapé do Surubiú.

Outra curiosidade que descobri conversando com minha mãe é que, minha avó paterna, era praticante do Candomblé, e ela fez um patuá para presentear o meu pai antes dele sair da Colômbia e vir para o Brasil, então, por essa memória, também escrevi um poema para o patuá.

No primeiro momento, escolhi algumas composições que ainda estavam em processo, para concretizá-las e costurá-las numa mesma narrativa, então, selecionei alguns poemas, letras e ideias escritas para trabalhar mais a fundo nelas. Trabalhei primeiramente em solo, porém, no segundo momento, trabalhei em colaboração com beatmaker.

A ideia de produzir tudo sozinha foi um desafio importante e prazeroso no meu processo, ainda mais pensando no que seria a performance ao vivo das minhas canções. Então, num primeiro momento, trabalhei na construção

individual, para depois expandir ao final para uma produção coletiva do arranjo, produção musical e de convidados, pois sem dúvidas, mais mãos juntas enriquecem o processo, e tem pessoas que quero levar comigo na execução deste projeto.

Minhas motivações para desenvolver este projeto perpassam por um âmbito muito simbólico do que o trabalho representa para mim, é como um registro da minha própria história e memória, além de um desejo muito forte de conceber um projeto autoral e solo que contemple as minhas múltiplas expressões musicais desenvolvidas na minha trajetória artística.

“Eu não sou esse monstro que vocês assistem em suas telas

Sou mulher indígena artista e também sou cria da favela

Vim de onde o rio deságua

Vim do encontro das águas

Meus nervos são de aço

Minha voz anasalada

Meu peito sempre aberto

E o corpo sempre fechado”

1.4 LEGADO DO TRABALHO – FLECHA ENVENENADA

Nessa minha busca, eu encontrei o relato de que, alguns povos que habitaram e se movimentaram nesta região do oeste do Pará, na época colonial, utilizavam o artefato da flecha envenenada ou flecha incendiária, como forma de defesa do território e de ataque aos invasores.

Ao apontar esse dado histórico, resolvi adotar esse símbolo para o meu trabalho, dando título a esta compilação. Com o objetivo de ressignificar essa memória, de uma forma que, a flecha represente empoderamento, resistência e defesa dos nossos territórios atuais, tanto falando das demarcações de terras indígenas, quanto do saber indígena e memória ancestral.

Este trabalho se propõe a ser o resgate e uma homenagem a memória desses povos, atuando como um movimento de retomada da identidade indígena, e também uma pesquisa sobre movimentos culturais e musicais latino-americanos, através da criação livre, trazendo elementos que representam as culturas dessas regiões, tanto nas letras, sonoridades, samples e referências.

O legado deste projeto é a contribuição histórica para a música brasileira/latino-americana, por ser um projeto protagonizado por uma mulher indígena, contando minha história, enaltecendo a ancestralidade que, foi apagada, através do genocídio e do epistemicídio dos povos originários, como reflete KRENAK (2019, p.9)

Como os povos originários do Brasil lidaram com a colonização, que queria acabar com o seu mundo? Quais estratégias esses povos utilizaram para cruzar esse pesadelo e chegar ao século XXI ainda esperneando, reivindicando e desafinando o coro dos contestes? Vi as diferentes

manobras que os nossos antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos. A civilização chamava aquela gente de bárbaros e imprimiu uma guerra sem fim contra eles, com o objetivo de transformá-los em civilizados que poderiam integrar o clube da humanidade. Muitas dessas pessoas não são individuais, mas “pessoas coletivas”, células que conseguem transmitir através do tempo suas visões sobre o mundo.

Visto que, no estado do Rio Grande do Sul, são poucos os registros de produções artísticas realizadas por pessoas indígenas, afirmar a narrativa do meu trabalho a partir desse lugar, representa uma forma de resistência dos povos indígenas.

“No meyo do cymento.
Como é feyta a manutenção
do nosso conhecymento?
Da nossa hystória e memórya?
Potyguaras são povos dos sonhos.
Não há fronteyras entre a arte e vyda.
Toda cryação é um ato espyrytual e coletyvo.
Artystas cryam mundos,
Conectam mundos.
Se o mundo que você habyta
Não permyte uma sayda,
Quetyone o mundo que você habyta.”
Juaonym

CAP. 2: PROCESSO DE COMPOSIÇÃO COMO FERRAMENTA ARTÍSTICA DE RESISTÊNCIA - NARRATIVAS

Letras e Poemas:

Meus fragmentos, como eu gosto de chamar, foram escritos durante 2020 e 2021 em sua maioria, sendo apenas duas das letras, escritas em 2022; “Nenhuma lágrima A+” e “Veias Abertas”, e nem todos eles estão no arquivo final deste trabalho, porém, fizeram parte do processo de concepção deste, e estão impressos de alguma forma ou outra, nas 4 canções que compõem o EP. Gosto de pensar neles como poemas que, sempre que houver o desejo, pode ser facilmente musicado e readaptado, reinterpretado, enfim, são pedacinhos que representam a minha memória afetiva de autoconhecimento, esta que esta diretamente vinculada ao meu processo de composição e experimentação musical.

Igarapé (2020)

Andei Só

Andei Só ó

Eu procurei
Eu fui andando pela mata
Num dia de sol

Procurando por qualquer sinal de fumaça
Aqui no meu lençol
E navegando fui chegando num caminho
Que eu pude te encontrar
Tive certeza é nesse Igarapé
Que eu quero mergulhar

Me lava
Me lava
Me leva
Me mostra

Andei Só
Andei Só ó ó

Yo busqué
Fuí caminando por la mata
En un día de sol

Buscando por cualquier señal de humo
Aquí en mi cama
Y navegando fui llegando en lo camino
Que yo pude te encontrar
Tuve seguro es neste igarapé
Que yo quiero bucear

Originário (2020)

Meu olho preto originário
Não tá no vocabulário
Que vocês criaram para nos cegar

Meu olho preto originário n
Não tá no vocabulário
Que vocês criaram para me cegar

Patuá (2020)

Teu patuá
Do lado esquerdo do peito
Vem pra mostrar
Que é atento
É forte
É ligeiro

Veias Abertas (Abril, 2022)

Não vou dormir
Sem encontrar a solução
Vou conseguir
Foquei nessa missão
Melhor seguir
Tamo na contramão
Eu assumi a minha posição
São novos riscos
Daquela versão
Já descobri
Vou te passar a visão
Eu tô sem tempo
Pra decepção

E o que me resta
Apressa
Veias abertas
A flecha certa
Ferida

Que sangra
E seca
A falha
Atesta
Como um crime
Confessa

Reza
A mancha
Que não sai

São vários riscos
Milhões de discos

Milhões de discos
São vários riscos

**

2.2 RELATO DAS COMPOSIÇÕES

Nas próximas linhas, eu descrevo como os fragmentos acima micro-poemas, poesias, letras, ideias e escritos que, foram colocados no papel durante este processo de criações (2021 e 2022), tomaram forma e se transformaram em

canção ou, então, o processo “inverso”; como que se virou poema à partir do som.

1. MINHA HISTÓRIA /// ALMA

Essa música pode ser compreendida em três partes ou momentos diferentes, justamente, por cada parte ter sido composta separadamente; primeiramente, ela inicia com o poema “Minha História” que foi escrito em 2021. Na segunda parte, entra outro poema “Minha Alma” que já carregava uma melodia desde a sua concepção, e por último a parte do instrumental que, já havia sido produzida em outro momento, mas que, a partir de experimentações acabou sendo a “cama/base” ideal para essa narrativa. Escolhi ela para ser a primeira música, pois, ela inicia com a voz falada e como uma introdução ao assunto que trago no EP.

Minha Alma:

Era uma quinta feira de outubro de 2021, tinha faltado luz aqui em casa, e eu só precisava focar nas coisas que tinha para fazer, como escrever esse memorial que apresento pra vocês. Pensando aqui, sempre que eu faço um ritualzinho, eu sinto que as coisas fluem, fiz um chá, acendi uma vela (por sorte ainda tinha em casa) para iluminar o quarto e as ideias, e aproveitei os últimos minutinhos que tinha de bateria no meu computador para gravar alguma coisa.

Dessa vez, peguei um poema que tinha escrito umas semanas atrás, nele eu escrevi que, de alguma forma, minha alma e meu espírito também foram banhadas nas regiões de onde vieram meus ancestrais; o Mar do Caribe e o Rio Amazonas. Assim, como eu também sinto e acredito que a lembrança e o desejo dos meus antepassados se manifestam em mim.

Peguei o violão, fiz uma sequência cromática de cordas duplas para guiar a harmonia do meu canto, e gravei com toda a potência e inspiração que me veio naquele momento, talvez, por eu estar imersa nesse trabalho e nessa minha busca, tanto da minha identidade indígena, quanto na identidade musical que estou construindo para este projeto, parece que, foi como um sopro que soou.

Minha História:

Esse poema eu escrevi enquanto escutava uma das artistas que mais me inspira nessa trajetória de autoconhecimento, de busca das minhas raízes colombianas; a Petrona Martínez, ela que é considerada como uma das “rainhas” do Bullerengue, por ser uma percursora desse gênero musical e que, sempre que escuto, me toca profundamente! Estava escutando o álbum “Bonito que canta” e durante a música “Sendero Índio”, que inicia com uma flauta e os tambores, me inspirei e comecei a escrever livremente, quase como um desabafo, verbalizando com todas as palavras a minha necessidade de botar para fora o “desejo muito forte de contar a minha história” (e da minha família).

Instrumental:

Fiquei pensando em quais referências eu poderia usar para criar uma nova trilha, então, revisei a produção audiovisual que fiz para a série "Ensaio de Morar" (2020), à convite do Projeto Concha com a PUCRS Cultura, que tinha a ideia de reunir 10 compositoras gaúchas para musicar os poemas da escritora Ana Martins Marques. Pensei nesse trabalho porque existe uma espécie de cânone com o poema, e pela base rítmica ser dada por tambores, então, resolvi destacar esses elementos como estímulos para uma nova composição.

Comecei selecionando um loop de samples da minha biblioteca de kits de baterias, que tivesse tambores, usei o pacote desenvolvido pelo artista Rodrigo Coelho, também conhecido como GrassMass - ele gravou uma diversidade de instrumentos e ritmos regionais brasileiros, mais precisamente, pertencentes à região do norte e nordeste, e de cadências que representam as religiões de matriz afro-indígena e são chamadas de pontos de Umbanda.

A partir dessa primeira escolha, fiz alguns recortes do loop, criando um novo fragmento. Sobrepus a ele um novo loop de percussões, também deste mesmo kit, mas com outros instrumentos, com a ideia de que se complementassem entre si. Fiz uma pequena alteração da tonalidade dos samples originais baixando

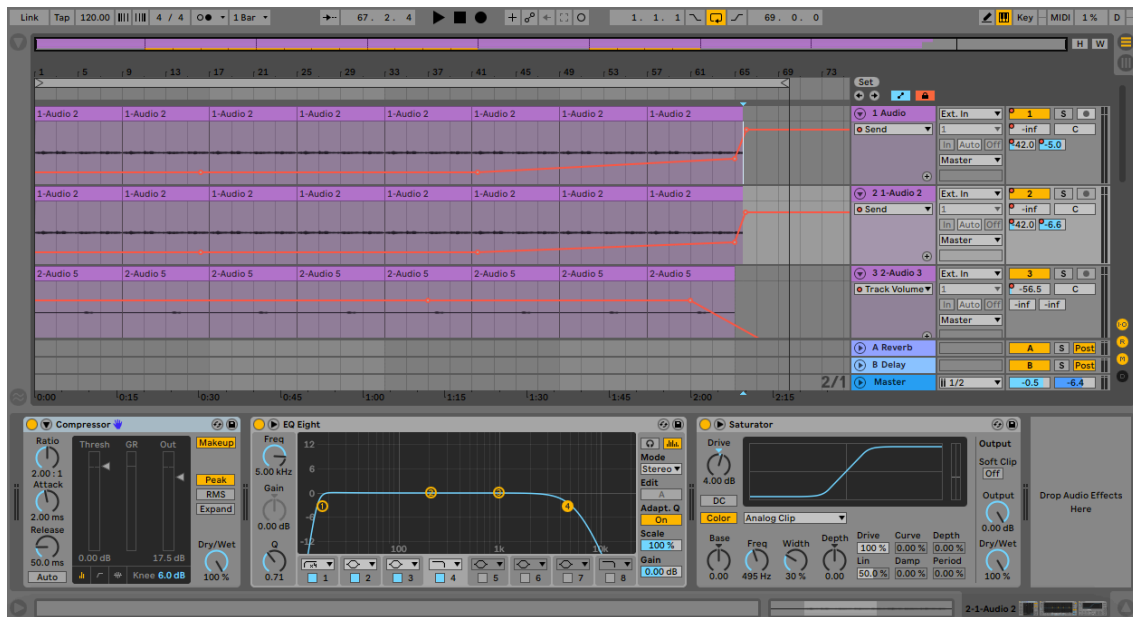
alguns semitons, deixando a trilha mais grave e chegando numa base rítmica batucada.

Depois criei uma bateria com timbres mais eletrônicos, à partir de um drum rack, que coloquei um kick, uma caixa, clap e hat, grupo percussivo que entrou só no tempo 90 e permaneceu por quase toda a música, tendo apenas um momento que a bateria sai, para dar uma dinâmica, e criar um espaço no meio da música, provavelmente para poder inserir alguma voz, refrão ou apenas para causar um efeito de mudança de ritmo. Então, foi à partir da construção desse padrão rítmico e de seus timbres que, trouxe a estética dos elementos marcantes de música eletrônica de pista.

No dia seguinte, porém na madrugada eu comecei a ouvir os sabiás que cantavam todos os dias, pontualmente às 3h da manhã na minha janela, e dito e feito; peguei meu celular e gravei. No outro dia, acordei e já coloquei a gravação no projeto no Ableton Live, software que utilizo para gravar e produzir meus sons, e incrivelmente, o canto dos passarinhos encaixaram perfeitamente no arranjo, criando uma ambiência incrível.

Tempos depois, com a trilha amadurecida e estruturada, eu ainda tinha o desejo de gravar o violino junto, então, gravei as cordas e consegui criar um efeito no violino que ficou muito interessante, trazendo uma espécie de glissando digital, foram três camadas de violino, uma introdução com notas longas, soando como uma cama por trás da música, a segunda sobreposta a ela, dessa vez com o arco fazendo pequenos ataques e criando um movimento rápido, e a terceira, com um timbre mais distorcido, resultado do glissando (ato de deslizar os dedos sobre a corda do violino) com efeitos. Também adicionei um sample de vidro quebrando, marcando bem o tempo forte da bateria.

Eu dupliquei cada uma das linhas de violino, totalizando 6 canais, usei um EQ Eight para limpar as frequências graves e as agudas que ficaram sobressaindo, apliquei um Compressor e um Saturador, todos nativos do Ableton Live.



Print da Tela do Ableton Live

2. NENHUMA LÁGRIMA A + (24 de janeiro de 2022)

Essa música foi uma parceria entre eu e o Yule Aurêh que é multiartista, do audiovisual, foi dia 24 de janeiro de 2022, numa segunda-feira clássica de Clube da Costura, projeto iniciado durante a pandemia, com a ideia de promover encontros online semanais, via Zoom, para exercer a cultura da sample na produção musical, através da criação livre de um beat, que sejam criados com o uso de samples de determinado disco, este que, é sorteado a cada semana. Quando Yule estava quase finalizando me mostrou, justamente, com a ideia de que, eu pudesse escrever algo para aquele som.

Num primeiro momento, fui atrás de poemas, fragmentos e letras que eu já tinha escrito para tentar encaixar algo interessante ou pelo menos ter um ponto de partida; eu escolhi um poema “Sem Título”: “Eu quero te mostrar um mundo novo, cheio do cheiro que tem o teu beijo”, mas achei que não estava combinando muito com a sonoridade do beat, pois ele tinha um ar melancólico e mais sério, e o poema “Sem Título”, estava trazendo algo mais romântico e afetuoso, o que destoava da proposta.

Assim, decidi que deveria escrever algo do zero, então comecei fazendo esse resgate da trajetória, uma afirmação de que estou no movimento cultural, tocando, fazendo música há muitos anos, também fazendo analogia aos povos originários que habitam essa terra antes da invasão colonial.

Na próxima frase, trago a reflexão de que, estou “cansada de ver quase tudo programado” no sentido que, acabamos nos colocando em pequenas caixinhas e rótulos e, conseqüentemente, também acabamos sendo corrompidos pelos desejos do cidadão moderno, reféns de um sistema capitalista e explorador que acabamos nos rendendo por necessidade.

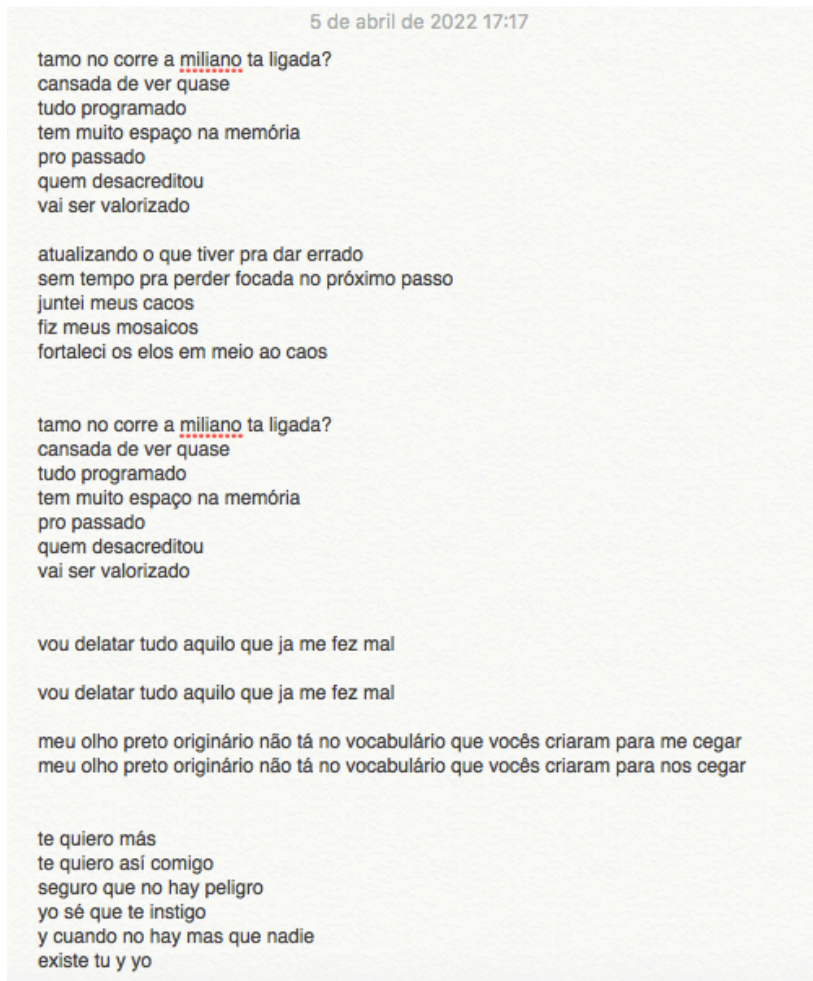
Na terceira frase, afirmo que temos muita memória para o passado, entendendo a importância de resgatar as nossas memórias e, principalmente, de registrá-las. E assim, segui escrevendo livremente os versos, falando sobre o meu contexto atual como artista.

Então, fizemos algumas gravações naquele dia ainda e apresentamos durante o encontro do Clube da Costura, nesse momento, eu já tinha decidido de que queria trazer essa música para o EP, mas antes disso, a certeza de que eu cantaria ela na minha apresentação que aconteceria na quinta-feira, dia 27 de janeiro, na abertura do show da Brisa Flow, rapper indígena contemporânea que é uma grande referência para mim, à convite do projeto Circuito Orelhas.

Sendo assim, decidimos de que seria melhor fazer um beat novo, baseado na ideia inicial, tirando a sample original e colocando um synth com as notas que sustentam a harmonia do canto, isso usando o plugin MASCHINE para teclados e para o baixo, a bateria foi criada à partir de um Drum Rack com samples de kick, snare, hat e clap.

Nessa segunda versão, além de reconstruir o beat com novos elementos e timbres, também adicionei o poema “olhos originários” na segunda parte, compreendendo o beat em 3 momentos, o primeiro com a lírica do rap até chegar na frase “vou deletar tudo aqui que já me fez mal” que é quando acontece um break na música, ou seja, sai a bateria e outros elementos, ficando apenas o synth de fundo junto à voz, criando uma atmosfera de repouso e expectativa para a volta da bateria. O segundo momento, é com o poema “olhos originários” que, foi escrito no segundo semestre de 2021, e a terceira é a parte em espanhol que fala sobre uma relação de parceria, baseado na confiança e afeto.

Vale contextualizar que, o que me instigou muito no processo de fazer esse som, foi o desejo de colocar algo na rua, próximo da forma que eu idealizava, com um beat que tivesse haver com o que eu me identifico e que conversasse tanto com o rap, r&b e que carregasse umas uma mensagem importante de refletir e de se passar.



Bloco de notas do computador

3. VEIAS ABERTAS (11 de abril de 2022)

Essa música é também a representação e uma citação/homenagem ao livro “As Veias Abertas da América Latina” do Eduardo Galeano, jornalista e escritor uruguaio, que é o autor desse clássico da literatura da América Latina. Livro que comecei a ler durante este processo de resgate de memória da identidade indígena. É uma escrita densa e pesada, que fala da invasão de territórios que, atualmente chamamos de América latina, conta das feridas expostas que os povos originários sofreram com a colonização e a devastação de suas comunidades, uma história regada a muito sangue indígena.

Ela foi escrita numa segunda-feira, na mesma dinâmica da música “Nenhuma Lágrima A+”, o Yule Aurêh fez um beat para o Clube da Costura e me mostrou enquanto ainda estava no processo de criação, nesse meio tempo, comecei a ouvir a música enquanto ele produzia, e a partir disso já comecei “cantarolando” o que viria a ser o ritmo do meu canto ou melhor, da minha rima. Assim, consegui encontrar um desenho melódico da voz que, se combinava com a harmonia do beat e comecei buscando frases iniciais para botar no papel.

O processo de escrita, se deu frase por frase, em que fui escrevendo e cantando as frases para conseguir encaixar com o beat, e assim fui experimentando e já adaptando a letra neste processo. Dessa forma, começo a escrever no papel as palavras que definiriam o final de cada verso e que deveriam rimar entre si, como; dormir e solução, conseguir e missão, seguir e contramão – no caso, se fosse pensar cada verso, a primeira frase acaba com “ir” e a segunda com “ão”, assim, cada verso manteria esse desenho fonético da voz e que rimaria com o próximo, sucessivamente.

Então, num determinado momento, eu acabei saindo dessa primeira estrutura e criei uma segunda parte um pouco mais rápida e com frases mais curtas; veias abertas, certa ou acerta, ferida, sangra, seca, falha, atesta, até chegar na frase; “como um crime confessa” que serve como ponte para a parte que conclui o pensamento com a frase: “reza a mancha que não sai” se referindo as marcas que a história de exploração que carrega a América Latina deixou nos nossos corpos.

11 de abril de 2022 19:59

não vou dormir
até a encontrar a solução

vou conseguir
focar nessa missão

melhor seguir
que andar na contramão

eu assumi a minha posição

são vários riscos
daquela versão

quem descobrir
que passe a direção

eu to sem tempo
pra decepção

e o que me resta
apressa
|

veias abertas

[a flecha certa]

ferida

que sangra
e seca

Bloco de notas do computador

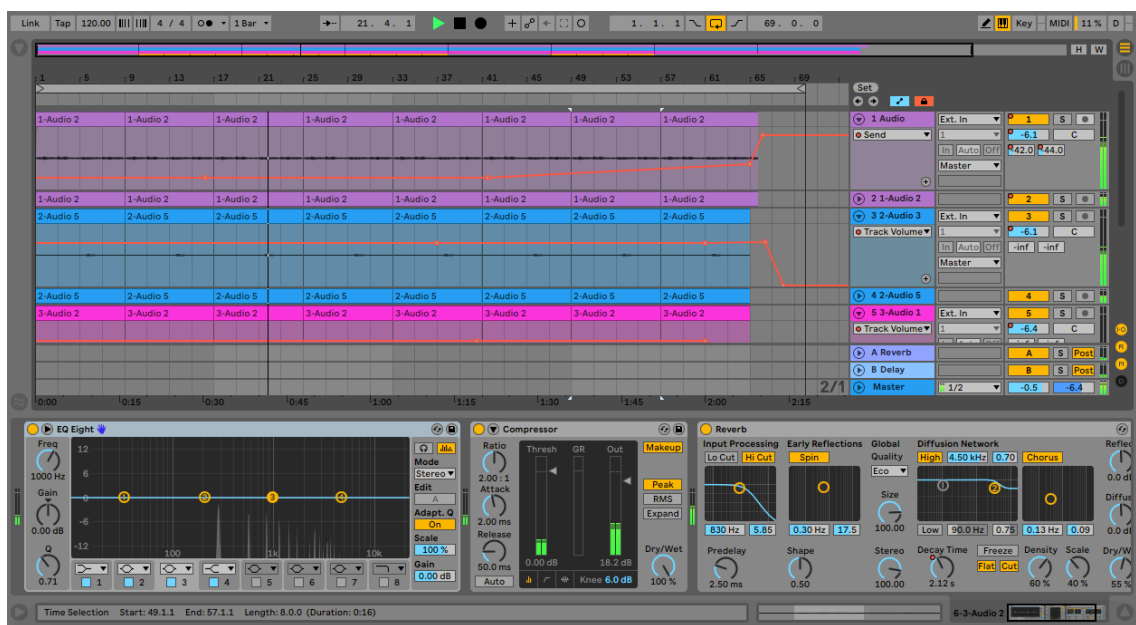
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS (22 de março de 2022)

Numa terça-feira, dia 22 de março de 2022, resolvi começar um som livremente com o violino, sem nenhuma pretensão ou projeto específico, apenas para exercitar tanto a técnica do violino e liberar a criatividade, quanto de produção musical, pois, acaba sendo tudo muito conectado, falo do processo de experimentar as formas de gravar e de como utilizar isso na hora da composição, pois, acaba sendo um elemento decisivo para as escolhas necessárias na hora de compor um som.

Já nesse primeiro processo de me ajeitar pra tocar no meu quarto, passar breu no arco, afinar o violino, ligar o microfone e a placa de áudio, colocar o pedestal, já me veio uma melodia muito forte, que reproduzi com o violino, então, abri o Ableton Live para gravar esse primeiro loop.

Após isso, deixei tocando esse mesmo trecho repetidamente e gravei uma nova camada de violino, dessa vez, complementando a melodia principal nos intervalos rítmicos dessa primeira ideia, com pequenas frases. Automaticamente, eu já duplico esses dois canais, resultando como se fossem 4 violinos tocando, coloco um EQ eight para cortar as frequências graves e agudas e que sinto que estão se sobressaindo e adiciono um Compressor para me dar uma estabilidade sonora e também um ganho necessário para poder baixar os canais para -0db.

Após isso, segui na construção dessa música, sobrepondo camadas de violino, escutando várias vezes o loop e criando um novo canal para gravar uma nova linha de violino. Gravei a terceira camada usando notas longas, cumprindo o papel harmônico de acompanhamento da melodia e fazendo um fundo contínuo.



Print Tela Ableton

*“Teu patuá
Do lado esquerdo do peito
Vem pra mostrar
Que é atento
É forte
É ligeiro”*

Paula Posada

3. IDENTIDADE VISUAL

Neste capítulo final, falarei sobre como se deu o processo da criação da imagem que representou a magnitude deste trabalho, e explico os motivos de cada elemento, cada escolha feita, para imprimir a identidade que carrega a minha memória ancestral;



Colagem digital, criada pelo Yule Aurêh, artista visual que convidei para representar este trabalho, utilizando imagens que contam momentos da minha memória ancestral. São eles elementos da natureza; que também são símbolos importantes na cosmovisão de povos originários e nas religiões de matriz afro-indígena; além de elementos da cidade, representando meu lugar como uma mulher indígena em contexto urbano e a minha trajetória como produtora cultural, de um corpo que fomenta articulações dentro da esfera social da cidade, e instrumentos eletrônicos que, são usados na discotecagem e na produção musical. Trazendo os elementos; igarapé, olhos originários, cidade, serpente, raízes, flecha, montanhas, terra, xapanã, patuá, templo Maya, milho, mata, entre outros.

Igarapé: Elemento da natureza pelo qual tenho muito carinho e que representa pra mim, uma grande memória afetiva minha e da minha família.

Lembro da primeira vez que fui a um igarapé, foi na Ilha de Cotijuba no Pará, eu tinha 15 anos, numa de minhas viagens para visitar minha família em Belém, encontros que recarregavam as minhas energias e as minhas forças ao me conectar com a natureza e minhas ancestrais.

Sem dúvidas, aquela viagem foi um dos momentos mais importante da minha vida, meu pai tinha falecido nesse mesmo ano, e justamente por isso, eu e minha mãe fomos para lá, nos nutrimos de amor da nossa família e voltarmos mais fortes.

Lembro que esse dia no igarapé foi algo mágico, realmente, o contato com a água no meu corpo ou mesmo que visual é algo que ativa muitas energias e pensamentos em mim, me traz calma, mas também me dá forças, e depois dessa experiência sempre quis voltar lá e conhecer novos igarapés.

Igarapé é o encontro das águas, é como se fosse uma grande piscina natural, um poço d'água gigante, que fica nas correntes dos rios no meio da mata, Igarapé é um termo de origem indígena e que significa "caminho das canoas", através da junção de ygara (canoas) e a pé (caminho).

Igarapé também foi uma composição, música super simbólica pra mim, pois, foi a segunda música que escrevi real e oficial, a primeira foi "Monotonia"

que escrevi pro meu pai, no final de 2019, e "Igarapé" foi escrita em 2020, no meio da pandemia, enquanto eu passava por um processo bem denso de autoconhecimento, processo esse que está sempre presente e que, mesmo depois de acessado, a gente não deixa mais de lado.

Essa música é uma canção de cura, mas também de amor, afinal, são duas coisas que andam juntas. Coincidentemente, como já citado anteriormente, a região de onde minha avó Josefá, carinhosamente chamada de Dona Zefa, era conhecido como o Igarapé do Surubiú.

Olhos Originários: Falo da invisibilização dos traços originários de cada etnia, do uso indevido do termo “beleza exótica”, e pelo ato natural de, ao longo da vida, ter sido comparada e chamada de “japa”, por exemplo, pelos olhos puxados. E como isso é uma prática comum e que já aconteceu na vida de outras mulheres indígenas também.

E só fui me dar conta disso, após ouvir alguns relatos de outras parentes que, também vivem em contexto urbano, relatando que acabavam sendo comparadas a pessoas orientais ou sendo estereotipadas e ligadas a figuras indígenas caricatas, como a personagem do filme infantil “Tainá” que foi famoso no Brasil nos anos 2000.

Essa situação, demonstra a carência de representatividade indígena na formação de outras crianças e como essa falta de uma referência para se espelhar e se reconhecer, acaba por deixar várias marcas e traumas na nossa criação, e o quanto isso nos coloca num não lugar na sociedade.

Cidade: Imagens do centro histórico de Porto Alegre, espaço que carrega muita história da formação de territórios da cidade. A região que hoje é a Avenida Andradas, era ocupada pelos indígenas, mas com o desenvolvimento dos centros urbanos, as comunidades começaram a ser expulsas de seus territórios, passando para um lugar de marginalidade, impostos pela sociedade.

Serpente: Trago a serpente pela representação dela em muitas culturas, como é apresentado no trabalho audiovisual "A serpente e a Canoa" que, faz parte da

série FLECHA de autoria de Ailton Krenak, grande liderança, escritor, ativista e pensador indígena contemporâneo.

Nesta série, ele explica a figura da serpente como um símbolo de renascimento e como essa representação está em diversas culturas. Ele conta que na cosmovisão indígena existe um conto que diz que, nosso universo nasceu a partir de uma serpente cósmica e que, ela também pode ser associada ao DNA pelo seu formato.

Raízes: Com as raízes, eu gostaria de fazer uma conexão com a história da minha bisavó materna e enaltece-la. O que nos contam e o pouco que se sabe é que, minha bisavó era uma parteira da cidade de Alenquer. O que considero ser uma figura muito forte de uma pessoa que desempenha um papel muito importante na vida de outras mulheres, e o quanto isso é simbólico e significativo para mim!

Flecha: Flecha trás muitas representações, a flecha pode ser lida como o ato de tomar impulso para depois avançar. Eu faço essa relação com o momento de isolamento social durante a pandemia, em que todos fomos obrigados a parar, refletir sobre nossos processos para depois poder seguir. A flecha também pode ser interpretada como algo de expansão, levando em consideração essa ideia do impulso, em que você precisa recuar, ir para trás e assim, ter uma amplitude maior quando a flecha for lançada.

Montanhas: Com as montanhas quero trazer o trecho do livro “Ideias para adiar o fim do mundo” de Ailton Krenak; montanhas são como famílias, mãe, pai, filhos, tios e tias; rios são como avós.

Barro: Trago o barro como um elemento que está presente na minha criação e na cultura da minha família. Também fazendo uma citação ao barraposada que é meu username nas redes sociais e acaba se misturando com meu nome artístico que carrega o sobrenome do meu pai: Posada. Assim, também faço associação a barras de ouro e barras de prata que, representam a exploração dos colonizadores nas terras indígenas.

Xapanã: Tenho uma memória visual muito forte de quando visitava minha vizinha, a vó Doca, ela que representou muito bem a figura de uma vó pra mim aqui no sul, pelo fato de morar longe da minha família.

Dona Doca era lalorixá, popularmente conhecida como mãe de santo, ela morava exatamente do lado da minha casa, e sempre me presenteava nas datas comemorativas com chocolates, perfumes ou toalhas de banho. Eu lembro até hoje do cheiro que tinha na casa dela, uma casa de madeira, decorada com muitas fotos e imagens.

Eu lembro dela ter três quadros pendurados na parede, eu não saberia dar certeza de quais eram essas três figuras que estavam lado a lado, mas uma em especial me chamava muito a atenção, que era Xapanã. Uma figura que tinha o rosto coberto de palhas e carregava na mão um machado; Xapanã, que também é chamado de Obaluaiê e é o orixá da doença, mas também da cura. Como retrata SOUZA (2021, p.2)

Omulu é um Orixá que rege as doenças e as curas no âmbito coletivo. Para a cosmologia yorubá as epidemias são expressões de desequilíbrios na relação com a natureza que inclui além da fauna e da flora, outras pessoas e as divindades. Omulu é, portanto, uma força da natureza que rege esses desequilíbrios, onde a cura advém, portanto, de uma mudança coletiva. Existe uma exigência para que Omulu efetue a cura!

Em 2019 eu me reconectei com essa força, por me perceber num momento de busca por uma cura espiritual e por uma necessidade de ter mais qualidade de vida, com saúde física e mental, e foi na força desse sentimento que, coloquei minha inspiração.

Patuá: Eu não me lembro como cheguei nesse assunto, mas acredito que foi após uma conversa com minha mãe sobre como eu me identificava e me sentia acolhida quando lia sobre as religiões de matrizes afro-indígenas e o quanto fazia sentido, para mim. Como falei anteriormente sobre Xapanã, conhecer mais sobre os orixás, fez eu me reconectar com a minha espiritualidade. Então, minha mãe me contou que, minha avó paterna, Margarida, era do candomblé, e que havia dado ao meu pai um patuá vermelho quando ele estava partindo para o

Brasil. Patuá também virou poema! “Teu patuá, do lado esquerdo do peito. Vem pra mostrar, que é atento é forte é ligeiro!”

Milho: O milho é um alimento sagrado e de resistência na cosmovisão de muitas comunidades indígenas, lembro da minha infância que, meu pai sempre dava muito valor ao milho e falava o quanto fazia parte da sua alimentação na Colômbia, e que esse seria o motivo dele ser tão forte. O milho, também pode ser associado ao orixá Omulu ou Obaluaiê que, já mencionei acima, e que é o orixá das enfermidades contagiosas e de pele, onde o milho atua como potência de força.

A partir da perspectiva Maia, o milho fala da origem da vida, através de um conto tradicional que explica a criação do mundo: o homem foi criado da lama sem muito sucesso, posteriormente se cria a partir de madeira, também um fracasso e na terceira tentativa, a partir do milho e com a ajuda dos deuses o trabalho funcionou.

Mata: Sobre a mata podemos falar de toda sua força, por ser o abrigo da natureza, dos animais, das árvores, dos parentes. Mas em particular, a palavra mata tem um afeto muito grande da minha parte porque estou falando da Matinha, bairro de Belém que hoje é chamado de Fátima e onde minha família sempre viveu, desde quando me entendo por gente! Minha vó Zefa criou minha mãe Maria e meus tios lá, e a Matinha é até hoje o lugar onde mora meus tios e primos e aonde a família se reúne.

REFERÊNCIAS

- Método Suzuki: Educação é Amor (Shinichi Suzuki- 1994)

- IEMAT: Instituto de Educação Musical Arte e Talento:
<https://www.facebook.com/escolaiemat/>

- Igreja Adventista:
<https://www.adventistas.org/pt/>

- **FURG: Universidade Federal do Rio Grande do Sul:**
<https://www.furg.br/>

- **Renato Borghetti – Milonga Para as Missões**
https://www.youtube.com/watch?v=Hh2gWXGJp_4

- **Tribalistas – Velha Infância**
<https://www.youtube.com/watch?v=iyJDujggiEM>

- **Projeto Música e Cidadania:**
Salão de Extensão promove oficinas sobre diversas temáticas (2014)
<https://www.ufrgs.br/salaoufrgs/2014/10/08/salao-de-extensao-promove-oficinas-sobre-diversas-tematicas/>

- **Colégio de Aplicação da UFRGS:**
<https://www.ufrgs.br/colégiodeaplicacao/>

- **Projeto Sexta DEGRAU:**
Escadarias do Centro Cultural recebem projeto musical nesta sexta:
<https://www.ufrgs.br/difusaocultural/escadarias-do-centro-cultural-recebem-projeto-musical-nesta-sexta/>

UFRGS: Sexta Degrau Acontece na UFRGS
<https://www.youtube.com/watch?v=20WWeuPzXaM&t=3s>

- Centro Cultural da UFRGS

<https://www.ufrgs.br/difusaocultural/centrocultural/>

- Base Poa:

<https://www.facebook.com/basepoa>

- Goma Rec:

<https://gomarec.bandcamp.com/>

<https://soundcloud.com/gomarec>

- Projeto Concha

<https://noize.com.br/o-som-da-concha-um-papo-sobre-o-projeto-concha-o-palco-para-as-minas-em-poa/>

Isabel Nogueira:

Compositora, artista sonora, produtora musical e musicóloga

<https://isabelnogueira.com.br/bio/>

Covid-19 e os Povos Indígenas

<https://covid19.socioambiental.org/>

Fonte: Comitê Nacional de Vida e Memória Indígena

N-1 edições: Pandemia Crítica:

www.n-1edicoes.org/pandemia-critica

Aldeia Mbya Guarani Lomba do Pinheiro

<https://cimi.org.br/2017/01/39214/>

<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2013/08/aldeia-mbya-guarani-aguarda-titulacao-de-novas-terras-em-porto-alegre-701/>

- Cacique Cirilo:

http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smdh/default.php?p_noticia=166342&COMUNIDADE+MBYA-GUARANI+RECEBERA+AREA+NA+LOMBA+DO+PINHEIRO

Instigada:

<https://gomarec.bandcamp.com/track/posada-instigada>

Na Botinha:

<https://ttt-rec.bandcamp.com/track/na-botinha>

Contratempo:

<https://sweetufrecords.bandcamp.com/track/contratempo>

Região Caribenha:

T O T Ó – Documental

<https://www.youtube.com/watch?v=1vwLkx0dYVc&t=8s>

-Indauê Tupã

<https://www.discogs.com/es/release/757447-Faf%C3%A1-de-Bel%C3%A9m-Tamba-Taj%C3%A1>

-Fafá de Belém

<https://www.fafadebelem.com.br/>

-Tierra Santa

https://www.discogs.com/pt_BR/release/9331640-Petrona-Martinez-Bonito-Que-Canta

-Bullerengue

<https://www.elpais.com.co/entretenimiento/cultura/la-historia-de-petrona-martinez-la-reina-del-bullerengue.html>

-Totô Momposina

<http://obviousmag.org/viver-a-deriva-e-sentir-que-tudo-esta-bem/2015/toto-la-momposina.html>

TV Brasil: Totó la Momposina fala sobre a importância da Cumbia na Colômbia

<https://tvbrasil.ebc.com.br/fique-ligado/2019/04/toto-la-momposina-fala-sobre-importancia-da-cumbia-na-colombia>

- Petrona Martinez:

<https://www.discogs.com/artist/1621451-Petrona-Martinez>

-Carimbó:

Mestres Praianos do Carimbó de Maiandeuá

<https://www.youtube.com/watch?v=6lyhnsP3ZS8>

- Surubiú / Alenquer:

História de Alenquer – PA “Capital do Mundo”

<https://www.youtube.com/watch?v=oyeqL3AP-x4>

Curuayas / Rio Curuá / Barés:

http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aporro-2007-dicionario/Porro_2007_Dicionario_etno-historico_Amazonia_colonial.pdf

Fulgêncio Simões – Município de Alenquer, 1918

<http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/municipio-de-alemquer/>

FERREIRA, Andressa. **Percurso: produção fonográfica e memorial descritivo sobre o percurso de uma compositora negra-indígena percussionista**. 2018. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. [Profa. Dra. Luciana Prass]

FONTANARI, Ivan Paolo de Paris Fontanari. **DJs da Perifa: Música Eletrônica, Trajetórias e Mediações Culturais em São Paulo**. 2013. 37, 38, 39 f. – Porto Alegre: Sulina, 2013.

ROSSI, Nalu Tiburi. **Arruaças: Narrativas sobre a Festa no Espaço Público Urbano da Cidade de Porto Alegre**. 2021. 33 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2021

KRENAK, Ailton. **Ideias Para Adiar o Fim do Mundo**. 2019. 9 f. – Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, Tadeu de Paula. **Exus e Xapiris: perspectiva amérficana e pandemia**. 2021. 3, 5 f. – N-1 edições

LIMA, Deborah. **Diversidade Socioambiental nas várzeas dos rios Amazonas e Solimões: perspectivas para o desenvolvimento da sustentabilidade**. 2005 – Manaus

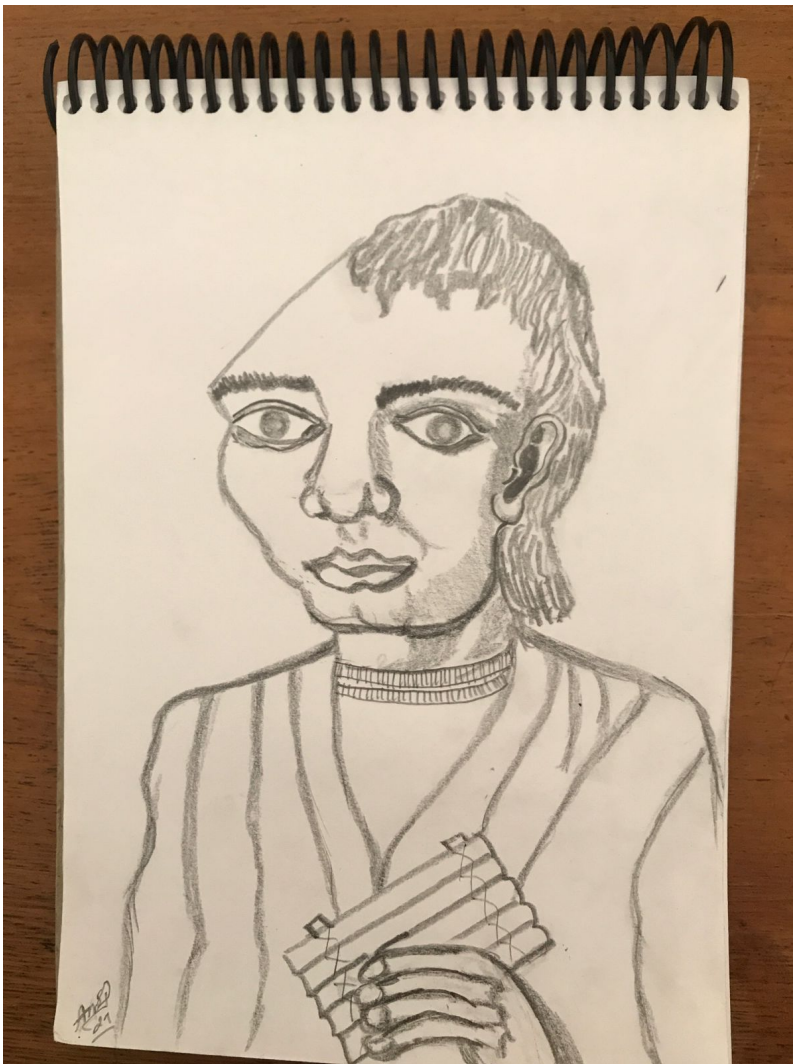
DORRICO, Julie. **A autoafirmação Macuxi de Julie Dorrigo**. 2021. 8 f. - Dias Ímpares: Suplemento literário do Centro Cultural Sesc Glória

DANNER, DORRICO, DANNER – **Indígenas em movimento, literatura como ativismo**. 2018. 19 f.

PORRO, Antônio. **Dicionário Etno-histórico da Amazônia Colonial**. 2007. 222 f.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. 1971

APÊNDICES



Desenho feito à mão, inspirado na imagem de “A História dos índios do Brasil” de Manuela Carneiro Cunha



Tamba Tajá – Fafá de Belém



Quinteto Violado – Berra Boi

ANEXOS



*Apresentação durante o desfile da banda fanfarra em Alvorada/RS
(León Posada)*



Show banda "Clássica" Divina Comédia – Porto Alegre/RS



Diretório Central de Estudantes da UFRGS



Erep Sul Rio Grande - Jeff França

Erep Sul (Jeff França)



Festive (Fotografia Callejera)





Arruaça – Catástrofes em Alto Mar – Estação do Mercado Público – Porto Alegre/RS. 2015 (Alexandre Kupac)



Oficina de mixagem com Nalu e Kika 2015



31 Festival de Arte de Porto Alegre no Teatro Renascença – 2017



Residência Artística do Concha – Encontro com Juçara Marçal - 2019



Foto Oficial da apresentação final no Theatro São Pedro – 2019



Apresentação Final do Projeto Concha no Theatro São Pedro – 2019 (Elizabeth Thiel)